

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.092

RESSIGNIFICAR ESPAÇOS LEITORES NA ESCOLA PÚBLICA A PARTIR DA FORMAÇÃO DOCENTE

ISABELLE DE ARAÚJO PIRES

Doutora em Letras da Universidade Estadual da Paraíba-PB; Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande-PB, graduada em Pedagogia pela UNICESUMAR – PR. graduanda em Tecnologia em Ciência da Felicidade, UNICESUMAR-PR professoraissa@gmail.com.

MARIA DO SOCORRO MACHADO ANDRADE DE SIQUEIRA

Licenciatura em Educação Física, Especialista em Educação Infantil, Especialista em Supervisão Escolar e Orientação Educacional, Especialista em Gestão Pública Municipal. Atual Secretária Executiva de Educação, socorros.prof@gmail.com.

MARICÉLIA RIBEIRO JORGE

Pós-Graduação em Linguística e Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba e Pós-Graduada em Educação e Novas Tecnologias, UNITER. Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, mariceliaribeirojorge@gmail.com.

VERA LÚCIA PASSOS DA NÓBREGA

Licenciatura em Pedagogia, Pós Graduação em Formação do Educador, veralucianobrega2@gmail.com.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo discutir a ressignificação de espaços leitores nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande, a partir da formação docente para diminuição dos **déficits** em leitura e escrita num percurso metodológico com 5 perspectivas: Revitalização do espaço escolar, parceria entre mediadores de sala de leitura e professores, criação de clubes de leitura, compreensão responsiva à leitura e efervescência literária. Dados atuais sobre a competência dos estudantes são alarmantes - apenas 2% no Brasil (jovens de até 15 anos) são considerados proficientes em leitura (PISA, 2018); 80% das crianças ao final do ensino fundamental incapazes de compreender um texto simples (UNICEF, 2022). Aqui debatemos o imprescindível papel das salas de leitura numa abordagem bakhtiniana (1988, 2000) e tendo também outras ancoragens teóricas (BRASIL, 2017; NOVOA, 2017; FIORIN, 2020; GERALDI, 2003; ROJO,

2012; MESQUITA, 2019, entre outros). Trazemos resultados parciais de experiências relevantes na Rede pública de ensino, a partir das propostas supracitadas.

Palavras-chave: Leitura, Ensino, Competência leitora, Responsividade, Ensino público, Mediadores de sala de leitura.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho discute a ressignificação de espaços leitores nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande, a partir da formação docente para diminuição dos *déficits* em leitura e escrita. Quando falamos de “espaços leitores” estamos compreendendo todas as dimensões da leitura, desde a sua concepção, passando por caminhos metodológicos de abordagem leitora, desenvolvimento de materiais orientadores, curadoria literária, formação de gosto, chegando aos espaços que ela deve ocupar em escolas públicas.

Dito isto, partimos de uma concepção de leitura como encontro e de linguagem como interação e propomos um caminho metodológico para o trabalho de leitura nas Unidades Educacionais Municipais, a partir de cinco perspectivas: Parceria entre mediadores de sala de leitura e professores; Prática da Literacia familiar e criação de clubes de leitura; Compreensão responsiva à leitura e efervescência literária.

Como delineamos, concebemos a leitura numa abordagem dialógica (BAKHTIN, 2006) de novas interações dos estudantes entre si, com o professor e com a herança cultural, o que promove um processo de aquisição de novos recursos expressivos e de compreensão do mundo mais ampliada. Há sempre um engendrar da comunicação entre um “eu” e “outro” e, os enunciados, que são a “liga” dessa interação. A esta premissa, acrescento, ainda, que a leitura ocupa todos os espaços sociais.

Vivemos imersos em textos, nos comunicamos através de textos, criamos vínculos e afetos por meio das palavras. Devemos, pois, compreender que a leitura não pode ser apenas um momento pontual nas escolas, parte de projetos que acontecem com tempo determinado. É necessário ampliar tanto o acesso ao livro, como o desenvolvimento de competência leitora com um trabalho sistemático, intencional, planejado, colaborativo e contínuo.

Dessa forma, para um trabalho efetivo e eficaz com a leitura, entendemos que precisamos concebê-la numa perspectiva mais ampla, desde a compreensão e organização dos espaços que devem ser ocupados pela leitura na Escola, à abordagem leitora de gêneros distintos e à oferta de diversidade de obras e oportunidades de leitura nas escolas públicas.

Nessa direção, o texto é o escopo precípua de toda e qualquer forma de comunicação humana, visto que a leitura se faz não apenas com palavras, mas de toda a

semiose que os signos podem nos oferecer e hoje, o compromisso com a formação leitora é lei.¹ A Lei 14.407, de 2022, acrescenta dois parágrafos à LDB 9.394/1996 e essa alteração estabelece o compromisso da educação básica não apenas com a alfabetização plena, mas também com a formação do leitor e o estímulo à leitura.

Assim, para exercer cidadania e protagonismo de nossa própria história, o estímulo à leitura é um instrumento indispensável na formação básica educacional e, igualmente, para a vida além-escola dos nossos estudantes. Dessa maneira, promover e difundir educação e cultura se torna um objetivo precípuo da escola enquanto instituição.

No entanto, percebemos que para que esse propósito se cumpra, precisamos institucionalizar a leitura, assumindo o compromisso com a formação leitora dos estudantes, que hoje tem força de lei. No entanto, a formação de leitores literários não se dá a partir de projetos esparsos. É preciso planejamento e intencionalidade. Para que possamos caminhar no escopo de fomentar a leitura e a escrita compreendemos que é necessário ressignificar o nosso olhar para a leitura e para o texto.

Nessa direção, através da formação de professores e mediadores de sala de leitura que iniciamos uma jornada de experimentação de leitura. Não podemos formar leitores sem ser leitor, sem ter um gosto formado, sem ter capacidade de realizar uma curadoria literária de textos com qualidade estética. Assim, começamos a “criar pontes” entre os livros, os textos e os leitores, nos nossos encontros formativos de professores e de mediadores de sala de leitura na Rede Municipal de Ensino, oportunizando encontros de encanto, estimulando situações de apreciação, fruição, escuta e diálogo.

A leitura de textos literários tem sido permeada de diálogo articulado, de despertamento e de estímulo para que professores e mediadores de sala de leitura possam compartilhar suas experiências leitoras e pontos de vista, permitindo-lhes a apropriação da leitura para fazer circular suas ideias e, assim, compreenderem como ressignificar as práticas de leitura na escola, a partir das próprias vivências leitoras.

Nesse percurso de formações continuadas de 9 meses, desde o início das proposições, foi possível perceber uma mudança de perspectiva desse público e

1 A Lei 14.407, de 2022, é oriunda do PL 5.108/2019, aprovado pelo Senado em 21 de junho de 2022. Fonte: Agência Senado).

a construção de uma relação mais afetiva com o texto. A despeito de supormos que professores e mediadores de leitura lidam com textos constantemente e já são leitores, é imprescindível entender que a formação leitora é um processo, assim, precisa de continuidade e frequência nas nossas práticas, inclusive, formativas.

Muitos dos espaços de leitura - salas de leitura e outros espaços, ganharam contornos de espaços “vivos” e acolhedores dentro das Unidades educacionais para promover a cultura leitora como aprendizagem significativa. Ampliamos as nossas ações para a catalogação e organização dos acervos a repaginação estética. Assim, a transformação do espaço abrange ações voltadas para leitura, como debates, cursos e apresentações literárias; divulgação do acervo na instituição e no seu entorno, por meio dos profissionais das instituições e redes sociais; realização de campanhas de arrecadação de livros literários, entre outras.

Nessa direção, nas formações docentes desenvolvemos estratégias qualificadas para melhorar os espaços de leitura e trazer orientações pontuais: material de apoio aos estudantes, adequado às necessidades de leitura e a outros assuntos inter-relacionados; material de uso dos espaços de leitura; organização dos acervos por gêneros discursivos; organização de fichas de empréstimo de livros e cadastro autônomo dos estudantes; trabalho com as *soft skills*; parcerias estratégicas com os professores etc.

Já sabemos que após dois anos de pandemia, o Brasil segue com 80% das crianças ao final do ensino fundamental incapazes de compreender um texto simples, segundo a UNICEF (2022). Assim, nossa jornada para a revitalização dos espaços de leitura nas Escolas da Rede Municipal de Ensino tem sido desafiadora, porém direcionada. Temos o *Literatour, por exemplo*, que é um movimento pró-leitura, em alinhamento com a recomposição das aprendizagens, no Projeto *Campina Educa 365 dias* e no *Programa Campina de A a Z*, em busca de uma escola mais leitora e da diminuição dos *déficits* em leitura e escrita, aos quais estamos vivendo, sobretudo, pós-pandemia. Trabalhamos a Literacia familiar para os pequenos leitores e os Clubes de leitura para os jovens leitores.

Estamos atuando como um movimento de força, amparado pela lei e com intenções claras e urgentes: queremos uma escola mais leitora, e, assim, mais cidadã, crítica e participativa socialmente. A ideia é transformar a leitura num movimento ativo, leve, cheio de experiências memoráveis. É tempo de debater, vivenciar e visibilizar práticas leitoras e culturais nas escolas e, para além disso, fomentar a continuidade das práticas que devem ser não apenas em datas específicas, mas

todo o ano escolar, visto que não existe um único dia ou mês em que podemos fazer discussões sobre leitura, autoria, livros etc.

Nossas proposituras têm buscado contribuir para uma maior visibilidade de suas relevâncias em cada Unidade Educacional e adapta as práticas sugeridas à realidade local da comunidade e ao contexto, de modo coletivo, interdisciplinar e colaborativo, tendo em vista uma aprendizagem mais equânime, dinâmica e interativa dos processos educativos que ocorrem na sala de aula. Isso amplia possibilidades de expressão, experimentação e autoria de nosso estudante.

De tal modo, todos nós da educação temos um papel relevante na construção e desenvolvimento da formação leitora de nossos estudantes. Urge retomar por meio de processos participativos nas comunidades escolares, propostas pedagógicas adequadas, de longo prazo e consistentes, voltadas à leitura e a escrita como um compromisso contínuo e progressivo.

METODOLOGIA

Nossa metodologia é quanti/qualitativa, de estudos bibliográficos e de campo. Para ressignificar os espaços de leitura na Rede Municipal de Ensino e ampliar as práticas leitoras, iniciamos introduzindo nas formações de professores e mediadores de sala de leitura, vivências leitoras e estudos diversos sobre o tema. Utilizamos questionários estruturados e semiestruturados, via google forms e análise de dados qualitativos e quantitativos. Estudamos documentos e propostas já existentes, realizamos visita técnica às Unidades de Ensino, utilizando o diário de campo e estabelecemos o percurso sistemático planejado e intencional.

Mapeamos as condições das salas de leitura nas Unidades Educacionais e investigamos a organização destes espaços – quantidade e condição do acervo literário, presença de registros de leitura, como fichas, fichários, cadernos, entre outros; empréstimos de livros; curadoria das obras literárias; propostas e projetos de leitura realizados e em andamento; frequência das visitas às salas de leitura; organização das abordagens de leitura.

Desenvolvemos a produção de materiais didático-pedagógicos sobre leitura, organização de espaços leitores, estratégias de leitura, curadoria literária e desenvolvimento de competência leitora. Também, a partir das formações continuadas mensais, estamos desenvolvendo com os professores e mediadores de sala de leitura a organização de clubes de leitura, com vistas não apenas à compreensão do

movimento pró-leitura que estamos fomentando, mas nosso intuito é, sobretudo, tornar a experiência cada vez mais ampla, diversa e, jamais, enfadonha.

Além disso, propomos o alinhamento de ações e ofertas leitoras dentro da Rede Municipal, a partir da adesão de nosso percurso estabelecido: Revitalização dos espaços de leitura; parceria entre mediadores de sala de leitura e professores; prática da literacia familiar e criação de clubes de leitura; responsividade e efervescência literária.

Para a Literacia familiar, orientamos os professores a estimularem a aprendizagem da linguagem oral e escrita em casa, na convivência entre pais e filhos com a leitura lúdica e participativa nos lares, num momento intimista entre as famílias. As leituras tanto acontecem nas escolas com os adultos familiares lendo com e para as crianças, como nos lares, entre a família. Estabelecemos as rodas de leitura como estratégias de gerência leitora para os pequenos leitores, em que os professores responsáveis pela turma organizam a atividade, a seleção das leituras que serão realizadas, mediando as questões abordadas.

Para a leitura nos lares, as crianças levam orientações/trilhas para os responsáveis de como deve ser a condução da leitura. Sabemos que desde os primeiros meses de vida, o contato com a leitura e com as publicações em si deve ser estimulado como forma de promover o desenvolvimento integral da criança. Sugerimos alguns cuidados na escolha de obras para cada fase e entenda-se como “sugestão”, não modelo fixo, porquanto a maturidade literária e a formação do gosto variam de pessoa para pessoa a depender de muitos fatores, como o estímulo precoce, uma família leitora, livros a disposição da criança etc.

Já para o estabelecimento dos clubes de leitura, por exemplo, desenvolvemos um material orientador para professores e mediadores de sala de leitura, trabalhamos o material a partir de vivências nos encontros formativos, para que os professores compreendam primeiro o processo a partir das próprias experiências e o desenvolvam nas escolas. Para a consignação dos clubes, utilizamos quatro momentos:

- 1º) Elucidação sobre o clube de leitura;
- 2º) Leitura guiada (coletiva ou em pequenos grupos) e leitura independente;
- 3º) Partilha das leituras
- 4º) Responsividade (resposta à leitura, uma devolutiva da experiência leitora com uma produção - reconto, produção escrita do gênero que os

professores achavam mais conveniente, pintura, retextualização, produção musical, paródia, vídeo, entre outros).

É importante dizer que antes dos professores organizarem os clubes de leitura na escola, consideraram alguns aspectos: Quem são os estudantes e qual a importância da leitura literária para esse público? Qual o contexto em que estão inseridos? Onde e como vivem? O que gostam de ler e que desafios devem ser superados para se fazer uma consequente mediação de leitura para a juventude? Nessa direção, elucidamos as dimensões da leitura, as práticas e as mediações possíveis de leitura que podem ser realizadas na Rede Municipal de Ensino. Os encontros para os clubes são pontuais, com vistas a fortalecer o protagonismo dos leitores, auxiliar no desenvolvimento de habilidades e competências de leitura e escrita dos mais variados gêneros discursivos, através da socialização de escolhas, leituras, escutas, comentários e efeitos que as obras produzem nos leitores.

Toda mediação de leitura é feita através de um acerto, uma combinação entre a pessoa que media e as que participam da mediação, seja professor, seja mediador de sala de leitura. Antes de começar o clube de leitura, combinamos a leitura que será feita e como serão as abordagens. O diálogo pressupõe ouvir de forma integral a fala dos estudantes e da mesma forma ser ouvido por eles. Após essa prática, cada um tira as suas conclusões e, se quiser, as expõe, até que, se for o caso, se chegue a uma decisão coletiva. Segue abaixo um quadro-resumo:

Quadro 1 - Passo a passo para o clube de leitura

1. Estabelecer uma faixa etária
2. Definir o perfil do clube e escolher locais adequado Definimos também as temáticas abordadas, os tipos de gêneros literários, como também em outros momentos, algum autor específico.
3. Limitar o número de participantes por clube (pode ser vários por escola) Pensar no tamanho do grupo de leitores é essencial. Um grupo pequeno demais pode resultar em debates de pouca duração. Mas, em compensação, grupos muito grandes tornam impossível que todos apresentem e desenvolvam com liberdade seus posicionamentos.
4. Escolher os livros Os são previamente acordados entre professores e mediadores, levando em conta os interesses dos estudantes e diálogo com o momento da vida em que se encontram. É importante lembrar que utilizamos livros físicos ou digitais, dependendo da disponibilidade e interesse dos envolvidos no clube.

5. Montar cronogramas de leitura para ajudar os membros e ter um roteiro preestabelecido

Organizamos um calendário com uma rotina de leitura, por páginas ou capítulos.

6. Incentivar a participação de todos

A participação de todos os estudantes da Unidade Escolar foi encorajada sem permitir que qualquer opinião emitida seja alvo de censura ou retaliação, demonstrando que se trata de um espaço democrático no qual todos estão aptos a participar e enriquecer o debate.

7. Definir a regularidade do clube de leitura, bem com um horário e local específicos

Sugerimos o encontro uma vez por semana. Isso pode ser alterado ao decorrer dos encontros e conforme o interesse dos estudantes. Pode ter um tempo fixo (uma aula), mas caso o debate se amplie e engaje os estudantes sobre determinado tema, permitimos o desenlace das opiniões, cabendo ao moderador-professor uma amarração final daquilo que foi discutido ao longo do debate.

8. Divulgar o clube

Fazemos do clube um movimento pró-leitura! Criamos cards, cartazes e outros materiais para divulgar a inscrição nos clubes, divulgamos nas redes sociais as ações, os encontros, as leituras feitas durante o período de leitura com os participantes. É o que chamamos de "efervescência literária". Isso contagia e arrebatava mais leitores!

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentro do nosso percurso estabelecido, percebemos uma significativa mudança de perspectiva com relação à leitura. Na prática da literacia familiar, a importância é inquestionável. Tem impulsionado a alfabetização e reforçado os laços afetivos entre crianças, pais, responsáveis e/ou adultos cuidadores, fortalecendo os vínculos. Tem sido um desafio engajar as famílias através da participação ativa nas vivências leitoras, tanto trazê-la para a interação entre crianças e escola, criando vínculos emocionais e cognitivos para elas, como estimular a leitura nos lares, num momento intimista entre as famílias, mas é importante ser uma prática constante e contínua.

Da mesma forma, a promoção dos clubes de leitura nas Unidades de Ensino como uma ação pontual e intencional vem fortalecendo o protagonismo dos leitores e auxiliando o desenvolvimento de habilidades e competências de leitura e escrita dos mais variados gêneros discursivos, através da socialização de escolhas, leituras, escutas, comentários e efeitos que as obras produzem nos leitores, além de estimular a percepção da dimensão estética da literatura ao favorecer uma relação de afetividade com o texto literário e o ato de ler.

Assim, professores e mediadores de sala de leitura proporcionam aos estudantes a vivência da leitura por meio dos clubes, começando lendo para eles e,

paulatinamente, conduzindo-os à leitura autônoma para a ampliação de repertórios de leitura dos variados textos, em suas muitas formas e mídias, para desenvolver, enfim, o leitor proficiente. Estamos observando que essa proposta metodológica tem trazido dinamicidade ao processo de formação leitora e torna essa experiência cada vez mais ampla. Ainda, as práticas de leitura com os estudantes são dinamizadas a partir do jogo das trocas de papéis, propondo a mudança de ponto de vista na abordagem da leitura: do leitor, do autor, do contexto histórico, do narrador e assim por diante.

Assim, com a possibilidade de atividade de leitura literária sem finalidade moral ou metalinguística, temos resultados significativos - a formação do leitor literário, o desenvolvimento de competência leitora e escritora, habilidades de trabalho em equipe com ênfase à cooperação, à flexibilidade e ao diálogo, a valorização da leitura literária como experiência estética múltipla - poesia, intermídia, intersemioses, cinema, teatro, jogos digitais, entre outros. Delineamos alguns outros resultados nos quadros abaixo:

Quadro 2 – Resultado de práticas de Literacia Familiar na Rede Municipal de Ensino

<p>Prática de leitura dialogada: desenvolvimento da capacidade de interação e do protagonismo</p>	<p>Realização da narração de histórias: desenvolvimento de habilidades relacionadas à compreensão oral e à imaginação.</p>
<p>Envolvimento das famílias e Motivação: estímulo para pais e/ou responsáveis para a leitura literária, trazendo à luz aos roteiros e rotinas de leitura.</p>	<p>Despertamento e afetividade: criação de vínculos e estímulo à leitura para além da escolarização.</p>
<p>Solicite sugestões de novas brincadeiras, para que você possa propor outras atividades diversificadas ao grupo.</p>	

Fonte: Elaboração própria

Quadro 3 – Resultado de Práticas de Clubes de Leitura na Rede Municipal de Ensino

<ul style="list-style-type: none"> - Capacidades leitoras de compreensão, apreciação e réplica desenvolvidas no percurso metodológico. - Ativação de conhecimentos prévios. - Antecipação ou predição de conteúdo ou propriedades dos textos. - Checagem de hipóteses. - Redução de informações semânticas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Recuperação do contexto de produção do texto. - Definição das finalidades da atividade de leitura. - Definição das finalidades presumidas do texto. - Percepção de relações de intertextualidade. - Percepção de relações de interdiscursividade. - Percepção de outras linguagens. - Elaboração de apreciações estéticas ou afetivas.
--	--

<ul style="list-style-type: none">- Localização ou cópia de informações.- Construção de informações a partir de comparação de trechos do texto.- Generalização.- Produção de inferências locais.- Produção de inferências globais.	<ul style="list-style-type: none">- Elaboração de apreciações relativas a valores éticos e políticos.
--	---

Fonte: **Elaboração própria**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança de perspectiva para a leitura a partir da formação docente tem sido um caminho assertivo. A oferta de práticas leitoras colaborativas e mediadas para visibilidade de suas potências oportuniza aprendizagens significativas, experiências memoráveis e o desenvolvimento de cidadãos proativos em suas comunidades e contextos em qualquer público que a ela se atrever. Para desenvolver gosto e proficiência leitora devemos começar a mudança na nossa própria relação com a leitura, isto é, na forma como a compreendemos e a abordamos na nossa própria prática leitora.

Entender a leitura como um encontro nos ajuda a direcionar nosso olhar para o texto e suas proposituras. Também é importante ter em mente que qualquer lugar pode ser um espaço de leitura! Não apenas a sala de aula ou a sala de leitura. Assim, torna-se bastante relevante identificar o que favorece e quais as dificuldades a serem superadas na mediação da leitura para os estudantes. Estes, em sua maioria, vêm de famílias não leitoras, ou seja, não testemunham o ato de ler no seu contexto social mais importante, daí, para a maioria seja talvez a escola o único espaço social de acesso a bens culturais com expressão de arte, tais como a Literatura.

Para o trabalho planejado e intencional, os clubes de leitura são um grande ganho para nossas Unidades Educacionais, visto que o trabalho com o texto literário é atemporal. Essa estratégia permite a inserção transversal e interdisciplinar de diversos conteúdos, enriquecendo o aprendizado dos estudantes e a escola é a principal responsável por apresentar o sujeito ao universo das palavras e da leitura literária e por mediar a criticidade na compreensão dos textos, visto que leitura não é uma prática unicamente do espaço escolar, mas, feita nesse espaço, colabora para o desenvolvimento de outras possibilidades de ler o mundo. Logo, a literatura traz à tona questões críticas e explora a liberdade, humanizando o homem por meio da fruição.

Nessa direção, está em nossas mãos propor o intercâmbio de textos nas suas mais diversas formas de arte. Igualmente é fundamental ouvir os estudantes, suas demandas e necessidades para definir o repertório de textos. Se não houver tempo, devemos escolher temas universais, como: amor, liberdade, contestação e afirmação social, existencialismo, terror, ficção científica, entre outros afins.

Diversificamos também as atividades dos encontros nos clubes e os gêneros: saraus, mangá, *slams*, declamação de poemas autorais, cordéis, contos temáticos, romances curtos e, dependendo dos grupos, mais longos, com a leitura de trechos por encontros etc. Enfim, ressignificar espaços leitores na escola pública a partir da formação docente e do envolvimento como parte de um movimento maior e mais significativo é compreender que a arte literária, além de singular é múltipla.

Sendo assim, por essa condição, inúmeras são as formas de tecer diálogos intertextuais com outros textos, outras artes, outras semioses. É necessário, portanto, haver alinhamento de propósito, propostas e posturas para que a escola pública seja um lugar de possibilidades e projeções. É importante iniciar esse movimento pró-leitura nas formações docentes, com o próprio professor e com os agentes de leitura, aqueles que mediam as leituras de alguma forma, a começar na mudança de concepção sobre leitura, no processo de suas próprias formações leitoras, preparando-os com material orientador, dotando-os de ferramentas e estratégias para desenvolver processos leitores nas suas escolas. E não apenas isso, ampliar os espaços de leitura, ressignificá-los, torná-los “vivos”.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Prefeitura Municipal de Campina Grande e à Secretaria de Educação de Campina Grande.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Ed. HUCITEC, São Paulo, 2006.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chaves**. Beth Brait, (org), 5ª ed. São Paulo. Contexto. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em jun. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm Acesso em: 10 mar. 2021.

CARNEIRO, M. A.; **BNCC fácil: decifra-me ou te devoro: 114 questões e respostas para esclarecer as rotas de implementação da BNCC**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

CHAGAS, Mario. Educação, Museu e Patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. Patrimônio: **Revista Eletrônica do Iphan**, n. 4, Rio de Janeiro, 2006, p. 1-7.

COLOMER, T. **Andar entre Livros**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

DE SOUZA, Renata Junqueira; GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões. Estratégias de leitura: uma alternativa para o início da educação literária. **Álabe nº4** – Revista de la Red de Universidades Lectoras. Brasil, 2011. Disponível em: <http://revistaalabe.com/index/alabe/article/view/87/61> Acesso em: 20 abr 2021.

FRAGOSO, Graça Maria. **Biblioteca na escola In: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/issue/view/28> Acesso em: 10 mar. 2020.

FERNANDES, Cida. **Literatura como direito humano**. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/literatura-como-direitohumano>. Acesso em jun. 2021. **INEP. Ministério da Educação**. Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf. Acesso em jun. 2021.

INEP. **Ministério da Educação - Resumo Técnico IDEB 2019**. Disponível em: Disponível em: <http://inep.gov.br/educacaobasica/ideb/resultados>.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 125-135.

LAROUSSE, Cultural. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Ed. Nova Cultural. São Paulo: 1992.

MAYRINK, Paulo Tarcísio. Diretrizes para a formação de coleções de bibliotecas escolares. In: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, 16, 1991, Salvador. Anais...

Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. 2 v., v. 1. MESQUITA, D. L. de. Biblioteca, Educação e Cultura: diálogos necessários. In: BAPTISTA, A. M. H.; HUMMES, J. M.; DALBELLO, M. P.; NAVAS, D. **Educação, Culturas, Artes e Tecnologias**. 248pp. – São Paulo: BT Acadêmica, 2019.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NAVAS, D. Das folhas de papel ao Ecrã: literatura e tecnologia. In: BAPTISTA, A. M. H.; HUMMES, J. M.; DALBELLO, M. P.; NAVAS, D. **Educação, Culturas, Artes e Tecnologias**. 248pp. – São Paulo: BT Acadêmica, 2019.

NÓVOA, A. **Entrevista**: António Novoa, ex-reitor da Universidade de Lisboa, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mBngpFb5gCE&feature=emb_logo Acesso em: 10 mai. 2021.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua - repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.